

3118142 - RELATO DE EXPERIÊNCIA: O TRABALHO DA PSICOLOGIA EM UM PRESÍDIO FEMININO.

Marina Corbetta Benedet (UNIVALI), Valéria Sartori (UNIVALI), Caroline Buschirulli Beilfuss (UNIVALI)

Compreendendo a necessidade de ações de atenção a população carcerária para que haja possibilidades de reinserção dos sujeitos que nessa instituição permanecem, consideramos essencial o trabalho com internas. Nessa perspectiva o trabalho do(a) psicólogo(a) dentro do presídio pode caracterizar-se a partir de ações que visem a construção de estratégias, junto a estes sujeitos, para desenvolvimento de outros modos de compreenderem a si mesmas. Objetivos: Promover momentos de trocas e a construção de redes de apoio as internas de um presídio de Santa Catarina. Foram realizados grupos de reflexão com diferentes objetivos: dois grupos psicoeducativos para acolhimento, reflexão e construção de redes de apoio para internas usuárias de álcool e drogas, dois grupos psicoeducativos de reflexão e construção de projeto de vida para internas em sistema semiaberto. Além desses grupos também as acadêmicas também acompanharam entrevistas de acolhimento das internas. A fundamentação teórica utilizada para a realização dos grupos se baseou nas proposições de trabalho de grupos conforme Freire (1997) argumenta e nos fundamentos da psicologia Histórico-Cultural (VYGOTSKI, 2009; VYGOTSKI, 2014). Foi interessante perceber que ao longo dos trabalhos de grupo realizados as participantes demonstraram necessidade em expressarem-se, utilizando da narrativa de suas vidas como caminho para a construção de vínculos umas com as outras, bem como com as acadêmicas-estagiárias. Também foi importante perceber o modo como as próprias acadêmicas-estagiárias foram alterando suas percepções em relação ao espaço-tempo do presídio e as próprias internas. As afecções geradas nos encontros (fossem nos grupos ou nas entrevistas de acolhimento) foram potentes a medida em que geraram reflexões nas estagiárias e impactaram na construção dos sentidos sobre o fazer da psicologia e os modos como este saber (psicologia) pode contribuir para a transformação ou manutenção de algumas formas de relação. O trabalho em grupos possibilitou a construção de vínculos entre as próprias participantes que puderam conhecerem-se e reconhecerem a si mesmas, construindo outros sentidos para si e para aquelas que dividem o mesmo espaço de encarceramento. Também salientamos a relevância de estar neste espaço-tempo no processo de formação enquanto profissionais de psicologia, tendo em vista o quanto ele promove alterações e ressignificações sobre as limitações e possibilidades do trabalho do(a) psicólogo(a) neste contexto.

4513827 - A PERCEPÇÃO MATERNA SOBRE SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

Gimol Benzaquen Perosa (UNESP), Juliana Aparecida Martini (UNESP), Flávia Helena Pereira Padovani (UNESP)

A fim de promover a socialização dos filhos, os pais utilizam práticas educativas para evitar comportamentos classificados como inadequados e/ou promover comportamentos adequados da criança. Nesse processo, os castigos corporais ainda são muito utilizados pelos pais, podendo levar ao aumento de problemas comportamentais na infância e transtornos emocionais futuros, o que remete à necessidade de programas de intervenção, buscando instrumentalizar os pais para o uso de práticas positivas. O Programa ACT - Para Educar Crianças em Ambientes Seguros tem por foco a diminuição da violência contra crianças, é direcionado a pais e cuidadores e composto por 9 sessões com temas diferenciados. A terceira sessão, intitulada "Como os pais podem entender e controlar a raiva", conta com atividades de reflexão e dinâmicas em grupo para levá-los a avaliar suas emoções perante os comportamentos inadequados da criança. O presente estudo teve por objetivo analisar as emoções parentais frente aos comportamentos inadequados da criança, a partir da terceira sessão do ACT. Participaram 5 mães com filhos de 2 a 6 anos, em condição de vulnerabilidade socioeconômica, participantes do Programa Estadual Viva Leite. No final da sessão, foi entregue a tarefa de casa composta pelo modelo REPENSE: Reconheça o que causou a raiva; Empatize com os sentimentos dos outros; Pense sobre a situação de maneira diferente e positiva; Expresse o que sente usando a primeira pessoa: EU; Note como seu corpo reage quando tem raiva; Saiba escutar o que a outra pessoa diz; E concentre-se no momento presente. Quatro mães responderam ao REPENSE. A partir da análise de conteúdo foi possível definir dois temas: o sentimento de impotência materna no educar, uma vez que as mães sentiam raiva frente à repetição do comportamento inadequado, com dificuldade de sugerir outras possibilidades de disciplina. Tinham, também, dificuldade na compreensão do comportamento do filho, visto como forma de chamar a atenção ou como incapaz de receber orientações devido à idade. De um modo geral, as mães conseguiram identificar o que lhes causava raiva (R), empatizaram com os sentimentos do filho (E), perceberam suas reações corporais à raiva (N), souberam escutar o filho (S), mas tiveram dificuldades em pensar outras maneiras de resolver a situação (P) e se encontrar no momento presente (E). Concluindo, a atividade atingiu o objetivo de autopercepção das dificuldades maternas, mas houve dificuldade com o manejo dos comportamentos inadequados da criança, tópico que será trabalhado na sétima sessão do programa.

2195763 - O ESTRESSE COMO FATOR DE RISCO PARA O DESMAME PRECOCE EM GESTANTES OBESAS E POSSÍVEIS REPERCUSSÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

Bruna Zanini Ferreira (Maternidade Escola UFRJ), Ana Cristina Barros da Cunha (UFRJ)

Introdução: Considerando o estresse gestacional como fator de risco para a interrupção do aleitamento materno, gestantes com obesidade podem ter mais chances de não amamentar até os 6 meses de vida do bebê, como a OMS

preconiza. Tendo em vista a importância da amamentação para a relação mãe-bebê, estudos sobre estresse gestacional são importantes para investigar seus desfechos e suas repercussões para o desenvolvimento infantil. Objetivo: O objetivo desse estudo foi analisar a relação entre o estresse gestacional no 3º trimestre em gestantes obesas e não obesas e a duração do aleitamento materno. Método: Baseado em delineamento descritivo de coorte transversal, 66 gestantes do 3º trimestre com Índice de Massa Corporal (IMC) ≥ 30 kg m² atendidas na Maternidade Escola da UFRJ, RJ, foram avaliadas pelo Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL) durante espera para consulta. A duração da amamentação foi investigada em entrevista telefônica 6 meses após o parto. A relação entre ocorrência de estresse e duração da amamentação foi analisada comparativamente entre gestantes obesas (n=38) e não obesas (n=28). Resultados: Sinais de estresse foram encontrados em 87,8% (n=58) do total de gestantes, sendo 38 obesas e 28 não obesas. A prevalência de puérperas que não amamentaram até os 6 meses foi de 39,3% (n=26), sendo mais frequente dentre as gestantes obesas (65,3%). Dentre as gestantes com estresse e que não amamentaram no período indicado pela OMS 62% eram obesas e 38% não obesas. Discussão: Os achados sugerem existir uma relação entre estresse gestacional, obesidade e desmame precoce, já que a maior parte das gestantes que interromperam a amamentação (62%) estavam estressadas e eram obesas. Além disso, aproximadamente 88% das gestantes apresentaram sinais de estresse, confirmando que esse transtorno pode ser fator de risco para o desmame precoce, já que foi alta a prevalência de gestantes que não amamentaram até os 6 meses após o parto. Importante discutir ainda que o estresse gestacional tem desfechos negativos para o bebê, com repercussões como a prematuridade e as patologias cardiovasculares tardias, sendo a obesidade um agravante para esse estresse. Conclusão: Fundamental intervir com medidas de manejo do estresse gestacional desde o pré-natal para prevenção do desmame precoce, especialmente na população gestante obesa.

9997679 - INDICADORES DE ATRASO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL EM CONTEXTO DE AMAMENTAÇÃO PROLONGADA: ESTUDO DE CASO COLETIVO.

*Rose Daise Melo do Nascimento (UFPA), Tawanny Fernandes da Costa (UNINASSAU),
Gabriela Furtado da Costa (UNINASSAU), Emanuele de Carvalho Vieira (UNINASSAU)*

O presente trabalho foi realizado em um ambulatório público de desenvolvimento infantil na Amazônia. Objetiva identificar e analisar, sob o enfoque psicanalítico, indicadores de atraso no desenvolvimento emocional no contexto de amamentação prolongada. Realizou-se uma revisão sistemática em bases de dados eletrônicas nacionais e internacionais, bem como nas obras de autores clássicos associados ao tema. Posteriormente, utilizou-se um delineamento de estudo de caso coletivo, dando-se atenção às particularidades e semelhanças entre os casos, e consequente análise qualitativa. Participaram da pesquisa seis pacientes (três meninas e três meninos) com idade entre 5 e 15 anos, sendo utilizado como critério de inclusão crianças que tiveram histórico de amamentação prolongada até no mínimo quatro anos de idade. Os resultados foram obtidos através da análise dos prontuários, da história clínica e registro das entrevistas de anamnese dos pacientes, e estruturados em três eixos temáticos: 1. Perfil sintomatológico: referente aos sinais e sintomas apresentados de forma crônica pelos participantes, em que observou-se na maioria dos casos a presença de impulsividade/agressividade, comprometimento do sono, atrasos na linguagem e aprendizagem, sintomas ansiosos ou depressivos, ocasionando comportamentos agitados ou desatentos. 2. Padrão relacional com o cuidador principal: verificou-se que a presença de fatores transgeracionais relacionados a situações traumáticas, impactam diretamente na atualização do vínculo mãe-bebê, identificados nos casos como abandono afetivo, violência física, sexual e/ou psicológica. No histórico gestacional houve complicações e situações de riscos, como intercorrências na gravidez, acidentes durante este período, histórico de internação e depressão pós-parto. A associação dessas situações traumáticas às complicações no período gestacional fortaleceu o sentimento de culpa materna, favorecendo cuidados superprotetores, marcados por vínculos simbióticos que se cronificaram, perfil passivo/dependente da mãe, ausência ou posturas passivas da figura paterna, gerando falhas na capacidade de imposição de limites, estimulando relações sádicas e de controle dos filhos com o seu cuidador. 3. Atrasos no desenvolvimento emocional: manifestações de comportamentos regredidos e infantilizados, condutas de dependência, baixa tolerância à frustração, descontrole dos impulsos e em alguns casos descontrole dos esfíncteres. O conjunto dos principais resultados indica que a amamentação prolongada é um grande sinal semiológico de que existe uma relação simbiótica subjacente, que torna-se nociva pro desenvolvimento normal, pois é fundamental estimular a independência e autonomia da criança como fator terapêutico pro seu desenvolvimento emocional, sendo também necessária a intervenção junto à mãe e sua família para compreender fatores transgeracionais e elaborar os fantasmas que perpetuam os vínculos superprotetores e simbióticos nocivos.